

TV+

Intérprete do mocinho Marlon de *Dona de mim*, o paulistano Humberto Morais fala da mensagem que busca transmitir pelo personagem, da importância de se ter uma referência preta na tevê e da relação com a moda: "Presença e mecanismo de defesa"

POR PATRICK SELVATTI

Humberto Morais chega ao set com o corpo preparado e o espírito em estado de escuta. Aos 31 anos, o ator paulistano vive o auge da carreira na pele de Marlon, protagonista da novela *Dona de mim*, da Globo — um lutador de kickboxing e policial idealista que equilibra força física e vulnerabilidade emocional. O papel, diz ele, exigiu não apenas músculos, mas mergulho: "Subi quatro quilos para fazer o Marlon e assisti a documentários e podcasts de policiais do Rio. Eu me apaixonei pelo esporte e vou continuar, com certeza." A dedicação, porém, vai além do treino. Humberto é desses intérpretes que se colocam inteiros nos personagens — com o corpo, a voz e o que não se vê.

Antes de brilhar na televisão aberta, ele já havia chamado atenção nas séries *Sutura*, do Prime Video, e *DNA do crime*, da Netflix. A trajetória, marcada por escolhas ousadas, é atravessada por um compromisso que o artista repete com serenidade e firmeza: representar. "Eu sei o quanto é pesado não ter uma referência. E é maluco pensar que existem jovens que fazem coisas me tendo como uma referência. Rezo para que eu não me perca nesse caminho." Em um país em que protagonistas negros ainda são exceção, Humberto carrega o papel de Marlon como quem segura um espelho voltado para muitos. "Mostra para a indústria a potência de nossos corpos ao contarmos nossas histórias", diz ele. "Para o público, dá esperança de se verem e se reconhecerem nas telas."

No entanto, sua expressão não se limita à atuação. A música, primeiro território artístico de Humberto — influenciado pelo ragga —, segue pulsando como bússola. "Eu sempre construo com música. Cada personagem tem suas fases e uma playlist para cada uma delas. Música é magia ancestral", define. E na moda, outra de suas linguagens, ele encontra poder e proteção. "Aprendi que se eu não me vestir bem, a sociedade vai me maltratar. Gostar de se vestir, para alguns homens negros, é um mecanismo de defesa", desabafa.

Humberto busca histórias que desloquem perspectivas e ampliem o olhar sobre o que é ser um homem negro na tela e fora dela. Quer interpretar um artista plástico que descobre o talento na pichação, ou um jovem de classe média "que vive em um não lugar". Porque, como ele mesmo diz, "todo trabalho tem suas dores e delícias, mas tudo é teatro". E no caso de Humberto, o foco é mostrar para o mundo que está "vivo, presente e atento".

VIVO, PRESENTE E ATENTO



Gabriel Inácio